

Digitalização da fé: o paradoxo da influência do TikTok na disseminação e banalização de práticas ritualísticas afro-religiosas¹

Matheus Henrique Lins DAMASCENO²

Leonardo Santos CRUZ³

Rita Virginia ARGOLLO⁴

Universidade Estadual de Santa Cruz – Uesc, Ilhéus, BA

RESUMO

Neste trabalho procura-se entender como o TikTok tem afetado as práticas espirituais e ritualísticas de religiões de matriz africana. Pois apesar de, aparentemente, democratizar o acesso ao conhecimento e divulgar tradições espirituais que historicamente foram marginalizadas, essa exposição digital, se fora do contexto, pode fortalecer estigmas e preconceitos, trazendo diversas implicações. Por fim, buscamos compreender como a referida plataforma traz implicações para a relação humana com o sagrado. Este estudo foi estruturado por meio de pesquisa bibliográfica e tem como base teórica principalmente os autores Conceição (2022), Silva (2014) e Braga Jr (2020).

PALAVRAS-CHAVE

Ciberaxé; Religião digital; Redes sociais; Umbanda; Candomblé.

A DIGITALIZAÇÃO DA FÉ

Forçados a se adaptarem ao distanciamento social em razão da pandemia de COVID-19, muitos terreiros e centros espirituais migraram para o ambiente digital, em uma tentativa de preservar suas práticas religiosas em tempos de crise. Essa transição criou novas formas de conexão entre os praticantes, que passaram a se reunir virtualmente para continuar com seus rituais e manter a vivência espiritual. Uma notícia publicada pelo MidiaNews⁵ sobre a “encruzilhada digital” das religiões afro-brasileiras durante a pandemia revela os desafios e as possibilidades dessa adaptação.

Embora tenhamos como foco principal as religiões afro-brasileiras, é importante destacar que a digitalização da fé é um fenômeno que abrange diversas tradições

¹ Trabalho apresentado na Jornada de Extensão, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 24 a 26 de junho de 2025.

² Estudante de Graduação 8.º semestre do Curso de Comunicação Social - Rádio, TV e Internet da Uesc, e-mail: mhldamasceno.rti@uesc.br

³ Estudante de Graduação 7.º semestre do Curso de Comunicação Social - Rádio, TV e Internet da Uesc, Bolsista ICB Uesc EDITAL N°049/2024, e-mail: lsacruz.rti@uesc.br

⁴ Doutora em Educação pela UFBA. Professora Plena da Área de Imagens do Curso de Comunicação Social (Rádio, TV e Internet) da Uesc. E-mail: rvasargollo@uesc.br

⁵ MIDIANEWS. Pandemia leva umbanda e candomblé a uma encruzilhada digital. Cuiabá, 25 jan. 2021. Disponível em: <https://www.midianews.com.br/cotidiano/pandemia-leva-umbanda-e-candomble-a-uma-encruzilhada-digital/409766>. Acesso em: 22 abr. 2025.

religiosas. Igrejas evangélicas, por exemplo, utilizam transmissões ao vivo, cultos online, reels motivacionais e perfis de influenciadores religiosos. Já no catolicismo, sacerdotes realizam orações ao vivo, atraindo milhares de fiéis online. Conforme a pesquisa TIC Domicílios (2023)⁶, cerca de 78% das instituições religiosas brasileiras utilizam as redes sociais para manter vínculo com seus públicos. Antes de aprofundarmos a análise nas tradições afro-brasileiras, esses exemplos demonstram como o ambiente digital tem se tornado um espaço essencial para a vivência e propagação da fé.

Apesar desta digitalização ser um ponto de resistência permitindo a ampliação da visibilidade das religiões, como destacado por Conceição (2022), o digital impôs também limitações à natureza dos rituais. Práticas como a incorporação de espíritos, um dos aspectos mais significativos na umbanda, por exemplo, são difíceis de serem replicadas adequadamente no ambiente virtual. Isso ocorre devido à sua dependência de uma experiência sensorial e emocional que se constrói no ambiente físico, por meio da interação direta entre os praticantes. Portanto, levantam-se questões sobre a autenticidade dessas práticas e a dificuldade de manter a profundidade espiritual dos rituais.

Com um algoritmo altamente responsivo ao comportamento do usuário, o aplicativo TikTok, criado em 2016 pela empresa ByteDance, é uma plataforma de compartilhamento de vídeos curtos que rapidamente se popularizou entre jovens usuários ao redor do mundo, tornando-se um dos principais canais de produção e circulação de conteúdo. No Brasil, seu crescimento foi exponencial, consolidando-se como um dos aplicativos mais baixados do país, segundo a Mobile Time (2025)⁷.

Em um contexto de persistente discriminação contra as religiões de matriz africana, plataformas como o TikTok permitem que os adeptos compartilhem seus rituais e filosofias. Oferecendo às comunidades um espaço para se afirmarem e se posicionarem contra narrativas preconceituosas. No TikTok, os vídeos que mostram esses rituais muitas vezes são editados para enfatizar a estética e o espetáculo, diluindo o conteúdo espiritual e cultural que deveria ser transmitido. Segundo a Agência Arca

⁶ COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros: TIC Domicílios 2023. São Paulo: CGI.br, 2024. Disponível em: https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/20240826111431/tic_domicilios_2023_livro_eletronico.pdf. Acesso em: 22 abr. 2025.

⁷ MOBILE TIME; OPINION BOX. Panorama Mobile Time/Opinion Box: uso de apps no Brasil. 2025. Disponível em: <https://www.mobiletime.com.br/noticias/08/04/2025/apps-mais-baixados-marco/>. Acesso em: 22 abr. 2025.

(2023), a digitalização pode transformar práticas religiosas profundas em objetos de consumo rápido, o que é uma preocupação crescente para as religiões afro-brasileiras que buscam preservar suas tradições.

Uma das maiores potencialidades do TikTok para as religiões de matriz africana é o seu poder instrucional. Como argumenta Moisés Sbardelotto (2021), em um post no blog do Instituto Humanitas Unisinos, as redes sociais podem ser usadas para educar o público sobre as tradições religiosas, explicando seus fundamentos filosóficos e espirituais de maneira acessível e interativa. Por meio de vídeos curtos e explicativos, os criadores de conteúdo podem desmistificar padrões do senso comum acerca das religiões afro-brasileiras ao esclarecer o que é a prática dos ritos sagrados, quem são os orixás, o significado desses rituais e a importância da ancestralidade, por exemplo.

A MUDIATIZAÇÃO DAS RELIGIÕES AFRO-BRASILÉIRAS NAS REDES SOCIAIS

No âmbito da pesquisa realizada pela Fundação Perseu Abramo (2024)⁸, nos últimos dois anos foi notável um aumento de 25% na busca por conteúdos relacionados às religiões de matriz africana em plataformas como YouTube, Instagram e TikTok. A crescente presença de líderes religiosos e grupos espirituais nas redes sociais, revela que 68% dos fiéis acreditam que as redes sociais são fundamentais para a disseminação do conhecimento e à defesa contra ataques preconceituosos. Portanto, a conexão entre indivíduos de diferentes locais é facilitada e permite o acesso a tradições espirituais antes restritas a contextos físicos específicos.

Embora as redes sociais ampliem o acesso e promovam a educação religiosa, elas também geram preocupações quanto à superficialização dos ensinamentos, à banalização dos símbolos sagrados e ao aumento da intolerância religiosa. A transmissão fragmentada dos saberes tradicionais pode levar a interpretações equivocadas, desconsiderando a profundidade teórico-prática essencial às religiões de matriz africana. Além disso, a comercialização indiscriminada de elementos sagrados e a exposição digital dos rituais podem torná-los alvo de apropriação indevida e ataques

⁸ Fundação Perseu Abramo. Crescimento da voz das religiões de matriz africana nas redes sociais. *Diário de Suzano*, 7 set. 2024. Disponível em: <https://www.diariodesuzano.com.br/cidades/crescimento-da-voz-das-religioes-de-matriz-africana-nas-redes-sociais/80475/>. Acesso em: 22 abr. 2025.

preconceituosos. Dessa forma, a digitalização da fé exige um equilíbrio entre a difusão do conhecimento e a preservação do significado e da integridade dessas tradições.

A descontextualização emerge como um ponto crucial na discussão sobre a digitalização das religiões afro-brasileiras. Práticas religiosas que demandam respeito, compreensão prévia e um contexto ritualístico específico são frequentemente condensadas em vídeos curtos, nos quais o valor espiritual das ações fica diluído. Um exemplo disso é a dança, elemento essencial na incorporação dos orixás e espíritos, que pode ser apresentada como uma simples *performance*⁹ artística, sem que o público compreenda a profundidade simbólica que cada movimento carrega.

Segundo Silva (2014), a fragmentação e simplificação dos rituais nas redes sociais podem gerar distorções no entendimento das práticas religiosas, transformando elementos essenciais de sua espiritualidade em meros conteúdos consumíveis. O processo de digitalização, muitas vezes, resulta na banalização dos símbolos sagrados, afetando a percepção da sociedade sobre as religiões de matriz africana.

A crítica à apropriação cultural de elementos das religiões afro-brasileiras, como imagens de orixás e instrumentos sagrados, é abordada por diversos autores. Braga Junior (2020) analisa as práticas litúrgicas da Umbanda e sua apropriação por grupos neopagãos, destacando a importância de respeitar o significado original desses elementos religiosos. Além disso, Barbosa Jr. (2015) enfatiza que cobrir a cabeça, em determinadas religiões, transcende o universo sagrado-litúrgico, firmando-se como índice de identidade étnico-cultural. Esses estudos ressaltam a necessidade de compreender e respeitar o significado histórico e religioso dos símbolos, evitando sua redução a modismos que podem diluir seu valor cultural e espiritual.

A digitalização das religiões afro-brasileiras, particularmente por meio de plataformas como o TikTok, tem se mostrado uma ferramenta poderosa para a resistência cultural e o enfrentamento da intolerância religiosa. Embora as redes sociais possam ser um meio eficaz de afirmação identitária, com o aumento da visibilidade dessas religiões e a desmistificação de preconceitos, elas também refletem um panorama de desafios. Segundo dados do canal de denúncias do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania (MDHC) dos quais, grande parte envolveu religiões de matriz africana

⁹ Espetáculo no qual o artista atua com inteira liberdade e por conta própria, interpretando papel ou criações de sua própria autoria. INFOPÉDIA. *Performance*. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/performance>. Acesso em: 22 abr. 2025.

— como o Candomblé e a Umbanda (CNN, 2024) —, no Brasil, a intolerância religiosa ainda persiste alarmantemente, com o Disque 100 registrando 3.853 casos de violações motivadas por intolerância religiosa em 2024.

Todavia, perfis como o @eu.alaka¹⁰ — que se apresenta como sacerdote ancestral, compartilha conteúdos relacionados à espiritualidade, fé e tradição das religiões como o Candomblé e a Umbanda —, e o perfil @vozes.do.terreiro0¹¹, que traz histórias relacionadas às origens dos orixás, contribuem para a promoção das práticas e saberes dessas tradições.

Por fim, nesse contexto o TikTok se torna um espaço de resistência, mas demanda uma abordagem responsável para evitar a banalização e descontextualização de símbolos e rituais sagrados, que podem ser diluídos em um ambiente voltado para o consumo rápido de conteúdos. Assim, o uso consciente dessas plataformas pode ser uma oportunidade de reforçar a visibilidade das religiões afro-brasileiras, mas também requer um equilíbrio entre promoção e respeito pelas tradições que elas carregam.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA ARCANJO. **A fé no mundo digital: a tecnologia agrega ou atrapalha mais?** *Agência Arcanjo* [on-line], 2023. Disponível em: <https://www.agenciaarcanjo.com.br/blog/a-fe-no-mundo-digital-a-tecnologia-agrega-ou-atrapalha-a-mais>. Acesso em: 29 nov. 2024.

BARBOSA JUNIOR, Ademir; JESUS, Jorge Luís da Hora de. **Cada Cabeça uma Sentença: coberturas de cabeça como identidade religiosa e étnico-cultural afro diaspórica**. *Revista Calundu*, [S. l.], v. 7, n. 1, 2023. DOI: 10.26512/revistacalundu.v7i1.47208. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistacalundu/article/view/47208>. Acesso em: 22 abr. 2025.

BRAGA JUNIOR, Amaro Xavier. **Trânsito religioso: apropriações de elementos de umbanda no neopaganismo**. *Sacrilegens*, Juiz de Fora, v. 17, n. 1, p. 195-212, jan-jun/2020. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/sacrilegens/article/download/29426/20957/125322>. Acesso em: 24 mar. 2025

CNN BRASIL. **Intolerância religiosa no Brasil cresceu mais de 80%, diz estudo**. 2024. Disponível em: [https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/intolerancia-religiosa-no-brasil-cresceu-mais-de-80-diz-estudo/#:~:text=O%20Brasil%20registrou%203.853%20viola%C3%A7%C3%B5es,MDHC\)%2C%20o%20Disque%20100](https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/intolerancia-religiosa-no-brasil-cresceu-mais-de-80-diz-estudo/#:~:text=O%20Brasil%20registrou%203.853%20viola%C3%A7%C3%B5es,MDHC)%2C%20o%20Disque%20100). Acesso em: 24 mar. 2025.

¹⁰ TIKTOK. @eu.alaka. Disponível em: <https://www.tiktok.com/%40eu.alaka/video/7483122787587083525>. Acesso em: 24 mar. 2025.

¹¹ TIKTOK. @vozes.do.terreiro0. Disponível em: <https://www.tiktok.com/%40vozes.do.terreiro0/video/7445459147715300613>. Acesso em: 24 mar. 2025.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. **Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros: TIC Domicílios 2023**. São Paulo: CGI.br, 2024. Disponível em: https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/20240826111431/tic_domicilios_2023_livro_eletronico.pdf. Acesso em: 22 abr. 2025.

CONCEIÇÃO, Lúcio. **A digitalização da religião: impactos e desafios para a prática religiosa na era digital**. 2022. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) — Universidade Federal da Bahia, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/32425/1/TESE%20LUCIO%20CORRIGIDA.%20COM%20FICHA.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2024.

FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO. **Crescimento da voz das religiões de matriz africana nas redes sociais**. Diário de Suzano, 7 set. 2024. Disponível em: <https://www.diariodesuzano.com.br/cidades/crescimento-da-voz-das-religoes-de-matriz-african-a-nas-redes-sociais/80475/>. Acesso em: 22 abr. 2025.

IHU UNISINOS. **O impacto das redes sociais na religião**. *Instituto Humanitas Unisinos* [on-line], 2021. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/601104>. Acesso em: 29 nov. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: Tecnologia da Informação e Comunicação 2023**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18317-pesquisa-nacional-por-amos-tra-de-domicilios.html>. Acesso em: 23 set. 2024.

MOBILE TIME. **TikTok continua entre os apps mais baixados no Brasil**. Mobile Time, 2025. Disponível em: <https://www.mobiletime.com.br/noticias/2025/01/25/tiktok-continua-entre-os-apps-mais-baixados-no-brasil/>. Acesso em: 22 abr. 2025.

PANDÊMIA **leva umbanda e candomblé a uma encruzilhada digital**. MidiaNews, Cuiabá, 25 jan. 2021. Disponível em: <https://www.midianews.com.br/cotidiano/pandemia-leva-umbanda-e-candomble-a-uma-encruzilhada-digital/409766>. Acesso em: 22 abr. 2025.

TIKTOK. **Perfil @eu.alaka**. Disponível em: <https://www.tiktok.com/%40eu.alaka/video/7483122787587083525>. Acesso em: 24 mar. 2025.

TIKTOK. **Perfil @vozes.do.terreiro0**. Disponível em: <https://www.tiktok.com/%40vozes.do.terreiro0/video/7445459147715300613>. Acesso em: 24 mar. 2025.